

Caudilhismo na América Latina: entre a teoria política e a literatura

Beatriz Helena Domingues¹

Esta comunicação se propõe a pensar o fenômeno do caudilhismo na América Latina a partir de algumas contribuições da teoria política e da literatura. É recorrendo a elas que compreendo e discuto aqui a instigante interpretação do fenômeno do caudilhismo na América Latina pelo brasilianista Richard Morse. Em “Toward a Theory of Spanish American Government” Richard Morse compara o período do caudilhismo das primeiras décadas do século XIX na América do Sul com a Itália de Maquiavel². Este insight é amparado equilibradamente entre a teoria política de Max Weber e observações de autores como Carlyle e Kerseling sobre as singularidades políticas da América do Sul. O autor mexicano Octavio Paz, muito admirado por Morse, também fez algumas observações interessantes sobre o caudilhismo em uma linha que me parecem antecipar as elaborações de Morse. A meu ver, este texto de Morse e as considerações de Octavio Paz, além de extremamente ricos para a compreensão do período e a prática caudilhistas na América Latina, oferecem boas sugestões metodológicas para aqueles interessados em trabalhar, de forma integrada, com História e Literatura.

A tese central de Morse neste texto é sobre a adaptabilidade do tomismo, lado a lado ao maquiavelismo, à Ibéria e à Ibero América, desde o século XVI até o século XIX. A América espanhola precedeu a colonização britânica em mais de um século, pertencendo, portanto, a uma era que antecede não somente os direitos do homem de Locke como também o tipo de apologia do Estado nacional absolutista feita por Bossuet e Hobbes. A experiência política da

¹ A autora tem pós-doutorado pela University of Maryland College-Park e é professora do Departamento de História da UFJF-MG. Email: biahd@yahoo.com. Agradeço o auxílio fornecido pela FAPEMIG, que possibilitou minha participação neste evento.

² MORSE, Richard M. “Toward a Theory of Spanish American Government,” *Journal of the History of Ideas*, 15 (1954): 74.

Hispano-América perpetua conceitos da visão de mundo medieval e renascentista expressa pelos reis católicos, Fernando e Isabel. Desde Fernando e Isabel o que foi trazido para a América, foi uma mistura de herança medieval com herança renascentista: tomismo e maquiavelismo. Na primeira metade do século XVI - 1504-1556 – assiste-se à convivência de uma dupla herança: Isabel representa o tomismo e Fernando o maquiavelismo. Isabel teria antecipado os monarcas do direito divino no uso de agentes reais e suas reformas administrativas para centralizaram o governo, no seu uso da fé para conseguir a união política e em sua atuação junto a nobres e às Cortes impedindo que viessem a se constituir em um Estado. É importante realçar que por três séculos depois da morte esta percussora do autocrata hobbesiano o império espanhol reteve, pelo menos em comparação com os países capitalistas então nascentes, muitos traços do estado medieval e hierárquico. Ao invés do homem atomista lockeano, a sociedade espanhola criou um homem religioso e societário. A tarefa política de Isabel na direção do hierárquico estado castelhano era espiritual. O ano 1550 reflete não apenas vicissitudes político-militares, mas também responsabilidades espirituais: a principal delas foi o contato com os povos não cristãos, ou seja, a reconquista na península, estendida à América. No idioma tomista, todas as partes da sociedade eram ordenadas pelo todo como o imperfeito o é pelo perfeito.

Fernando, por outro lado, corporifica o maquiavelismo. Aragão lidava principalmente com as possessões européias da Espanha. Era indiferente ao problema muçulmano, uma vez que os árabes haviam sido expulsos de lá desde o século XII. Fernando pode ser considerado maquiavélico na medida em que governa em condições transitórias, dependentes da sanção tomista de Isabel. Para sobreviver politicamente, ele precisava usar de argúcia e carisma.

Já sob Felipe II, a América espanhola tornou-se predominantemente tomista com características recessivas maquiavélicas: as influências decisivas eram as da Igreja Católica e da Inquisição. Os séculos XVII- XVIII reafirmaram a predominância tomista. A latente herança maquiavélica só vem à tona, na América espanhola nas primeiras décadas do século XIX. Por volta de 1810, mais precisamente após 1825, a América espanhola torna-se predominantemente maquiavélica com características recessivas tomistas. Como a Itália de

Maquiavel, a América espanhola pós 1825 viu-se dividida em várias cidades-estado: a fraqueza de uma autoridade central, ou de qualquer autoridade, incluindo a Igreja, levou à emergência de tiranos pessoais, os caudilhos.

Durante o período colonial, o império espanhol dificilmente poderia escapar da influência do mundo pós-medieval no qual existia e do qual foi parte responsável. A América espanhola hierárquica, multiforme e pré-capitalista de 1800 estava mal preparada para o iluminismo, ou para o despotismo esclarecido, e menos ainda para o constitucionalismo lockeano. Nem mesmo as Reformas Bourbônicas foram consideradas aceitáveis. Os jesuítas, que haviam recebido consideráveis privilégios no além mar com o propósito de expandir a base religiosa e moral do império, foram então apresentados pelos Déspotas Esclarecidos como obstáculos ao progresso, às luzes. A rigor, conforme vem sendo mostrado por diferentes estudos recentes, eles eram consideravelmente modernos. Sua expulsão em 1767 deveu-se menos à sua suposta perversidade reacionária do que às suas atividades comerciais disciplinadas e eficientes e à adoção de uma fé que se auto definia enquanto 'probabilista'.

Por três séculos os heterogêneos reinos espanhóis na América não tentaram rompimentos separatistas. Isto é em grande parte explicável pela forte lealdade à coroa enquanto símbolo político-espiritual. Mesmo as esporádicas rebeliões indígenas não eram direcionadas contra a Coroa, o Império ou à soberania católicos, e sim contra a atuação de seus agentes locais. O episódio de Tupac Amaru é exemplar.

Quando a decisão de lutar foi tomada, o cacique já tinha em seu espírito o claro propósito de vencer: ele precisava eliminar os maus funcionários que, com sua venialidade e ambição por riquezas, corrompiam as boas leis das Índias estabelecidas pela Monarquia, indo contra os preceitos da religião e arruinando as vidas de índios, cholos e mestiços. Sua rebelião seria mais aparente que real...Tupac Amaru é o mais distinto campeão de Sua Majestade: fidelidade é sua principal virtude. Um católico fervoroso e um vigoroso monarquista, sua atitude é totalmente normal para um mestiço do século XVIII em contato indireto com novas idéias do Século das Luzes³.

³ VALCARCEL, D. *La rebelión de Tupac Amaru*. Ciudad de México, 1947, p.180 Apud MORSE, R. Op. cit., p 78.

Só em 1809, após a invasão da Espanha por Napoleão, formaram-se juntas no além mar, mas a autonomia delas era provisória na medida em que ainda esperavam uma restauração legitimista da monarquia. Somente quando as Cortes 'liberais', então estabelecidas na Espanha desocupada por Napoleão, tentaram reduzir o status da América espanhola de vice-reino a colônia, teve início a campanha pela independência. A restauração de Fernando VII ocorre em 1814. Mas, em face de um movimento independentista já em curso no continente americano, a América espanhola sentiu-se como se a pedra chave tomista lhe houvesse sido retirada. Os esforços para suplantá-la, em bases continentais ou mesmo no interior de blocos nacionais, foram em vão. Nenhum caudilho crioulo ou príncipe de linhagem européia ou incaica estava em condições de comandar uma lealdade universal à antiga sansão espiritual. A soberania tomista não poderia ser criada *ex nihilo* e por um fim ao separatismo centrífugo que então atingia a América espanhola.

Desde então, tornou-se necessário um outro idioma que não o tomista que pudesse acompanhar a experiência republicana. Até recentemente, as análises mais satisfatórias sobre esse momento tinham sido aquelas que atribuíam a instabilidade da América espanhola à imposição de constituições como a francesa, a britânica ou a inglesa sobre povos cujo analfabetismo, pobreza, provincianismo, inexperiência política e desigualdades sociais tornavam ineficazes os mecanismos da democracia constitucional. Esta visão de certa forma negativa não permite, contudo, que de fato se penetre na “fabricação” da política hispano-americana. Mas, se os postulados iluministas não são relevantes para este *milieu*, como, em um sentido positivo, podemos compreender o fenômeno? Existiria um outro disponível além dos postulados do Iluminismo? Segundo Morse, quando o tomismo tornou-se “recessivo”, o componente maquiavélico, latente desde o século XVI, tornou-se “dominante”. Ou seja, o idioma que ocupou o lugar do tomismo não foi o iluminismo, mas o maquiavelismo. Isto foi percebido por Keyserling, para quem “nos caudilhos indisciplinados e inescrupulosos de toda a América do Sul sobrevive o filho da era de Maquiavel”⁴. Antes dele, em 1092, um

⁴ KEYSERLING, Hermann. *South American Meditations on hell and heaven in the soul of man*. New York, London: Haper & Bros, 1932, p. 103.

personagem venezuelano cosmopolita de uma novela de Manuel Diaz Rodriguez chamava a atenção para uma similaridade entre seu país e a Itália dos tempos de Maquiavel

Não são as nossas guerras contínuas e corrupção dos costumes...as mesmas guerras contínuas e depravados costumes da Itália daqueles tempos, com suas múltiplas repúblicas e principados? Havia então na Itália, como entre nós, brutais condotierri e rudes capitães, facilmente exaltáveis, como os Sforzas⁵.

No tempo de Maquiavel, as cidades-estado italianas haviam perdido sua base moral; não mais compartilhavam um *ethos* cristão comum. O papa tornara-se um dentre vários governantes temporais competindo entre si. Maquiavel notou que as “companhias de aventuras” mercenárias de seu tempo, diferentemente das milícias nacionais, não eram absolutamente confiáveis. Uma vez que careciam de qualquer lealdade para com algo maior, elas poderiam ser utilizadas para intrigas do poder, mas jamais nos campos de batalha. O italiano só era eficiente em duelos e combates individuais.

Após 1825 a América espanhola, como a Itália de Maquiavel, assumiu a forma de “cidades-estado” nucleadas, e as massas rurais tornaram-se cada vez mais inarticuladas e passivas. A ausência de quaisquer comunidades intermediárias entre esses núcleos e o império podia ser evidenciada nas juntas urbanas autônomas de 1809-10. Somente alguns limites mais ou menos arbitrários da administração colonial definiam as novas nações territorialmente. Apenas uma virulenta segmentação poderia defini-las operativamente. A Igreja, que até então havia tido certas desavenças com o Estado, tornou-se uma extensão do hostil poder soberano espanhol. A ausência de liderança político-espiritual, incluindo a da Igreja, levou à emergência de caudilhos, como havia proporcionado a dos tiranos personalistas na Itália, que desorganizaram o previsível relacionamento hierárquico entre as classes sociais.

A parte da América espanhola que se manteve constitucional e lutava pela existência, de fato, de uma comunidade-estado, foi varrida pelos ventos do personalismo. Gómez de Faria, vice-presidente de Santa Anna no México, por exemplo, foi ameaçado pelo uso do poder pessoal pelo último. Foi um homem que, apesar de sua energia e dedicação à nação,

⁵ RODRÍGUEZ, Manuel Díaz. *Sangre patricia*, Madri, n.d., p.169 apud Morse, p.79. Com esta novela, um dos maiores representantes do modernismo na Venezuela inicia em seu país. A obra foi publicada em 1901.

alegava não poder infligir “os princípios da moralidade pública e privada” nem mesmo por uma causa louvável e justa como a deposição do traidor Santa Anna. Segundo José Maria Luiz Mora, Gómez de Faria justificava sua “inação” pelo fato de o procedimento ser inconstitucional

(...) uma famosa razão que tem mantido a reputação do Señor Farias em uma situação, no melhor dos casos, secundária, e que causou à nação um retrocesso de meio século⁶.

A derrota de Rivaldavia para Rosas na Argentina em 1830 é outro exemplo. Rivaldavia foi o primeiro presidente argentino e proponente da democracia burguesa e do liberalismo econômico. Seus planos e princípios não se coadunavam com o caudilhismo provincial. Exilado em Paris escreveu, com tristeza, em 1830 (um pouco antes da imposição da tirania personalista de Rosas):

Na minha opinião, o que retarda avanços regulares e estáveis nessas repúblicas se deve às vacilações e dúvidas que retira de todas as instituições aquela força moral indispensável a elas e que somente pode ser dada por convicção e decisão. É evidente para mim, e seria fácil demonstrar, que os recentes levantes em nosso país provêm mais da falta de espírito público e cooperação entre homens responsáveis para sustentar ordem e leis do que de ataques do ingovernável, de pessoas ambiciosas sem mérito, e de indolentes descontrolados⁷.

Os escritos de Maquiavel eram os livros de bolso por excelência destes líderes mencionados por Rivaldavia, “que careciam de espírito público e cooperação entre homens responsáveis”.

Da mesma forma que os preceitos de Locke eram mais congêntos com os britânico-americanos do que à cena européia, o florentino parecia estar escrevendo para o Novo Mundo. Para os monarcas europeus que em breve “encontrariam sansão na parafernália das tradições e na aceitação universal do Direito Divino” os conselhos de Maquiavel aos governantes personalistas eram de importância secundária. Já a natureza embrionária das formas políticas

⁶ MORA, José Maria Luiz. *Ensayos, ideas y retratos*. Mexico City: Fondo de Cultura Económica, 1941, p.184 apud Morse, p. 80.

⁷ RIVALDAVIA, Bernadino. *Paginas de um estadista*, Buenos Aires, 1945, (Letter to a politician of Upper Peru, 14 March 1830) apud MORSE, R. Op.cit. 80.

do Novo Mundo, expressa na carência de tradições e de mitos estatais, havia sido apontada por Hegel em 1830:

Na América do Sul (...) as repúblicas dependem somente da força militar; toda sua história é uma revolução contínua; estados federados tornam-se desunidos; outros previamente separados se unem, e todas essas mudanças originam-se em revoluções militares⁸.

No que se refere às condições políticas da América do Norte, o objetivo geral da existência do Estado ainda não existe; porque um Estado e um governo de fato só emergem após ter vindo à tona a distinção de classes, quando riqueza e pobreza tornam-se extremas, e quando tal estado de coisas se apresenta de tal forma que uma grande parcela da população não pode mais satisfazer suas necessidades como costumava fazê-lo (...) A América do Norte será comparável à Europa somente após seu imenso território ter sido ocupado, e os membros do corpo político começarem a disputa-lo uns com os outros⁹.

Outro europeu, Thomas Carlyle, em um ensaio sobre o Paraguai de Francia (1843), descreve com certa inveja o modo de agir livre dos caudilhos, sem restrições de tradições de comunidade nacional: “Esta forma de instituição de sociedade, adaptada à Europa, parece desejável. Gauchos, sul-americanos e europeus, qual o problema de vocês, soltem seus sete demônios!!!!¹⁰

Tanto Locke quanto Maquiavel escreveram para povos carentes de um Estado nacional orgânico, pré-existente. O primeiro, contudo, dirigiu-se a uma burguesia relativamente homogênea e articulada, pronta para perseguir seus interesses. O último dirigia-se a líderes que com habilidade e visão uniriam uma população desarticulada e incipiente, cuja única reivindicação era não ser duramente oprimida.

Em praticamente cada página de Maquiavel nos defrontamos com conselhos práticos que parecem ter sido extraídos das carreiras dos mais famosos caudilhos sul-americanos. Maquiavel considerava de crucial importância que o líder fosse capaz de impor seu comando por sua presença física. Em tempos de sedição, o florentino aconselha-lhe:

⁸ Me parece que Joseph Conrad estava de alguma forma se amparando nesta concepção ao escrever *Nostromo*.

⁹ HEGEL. *Lições de filosofia do direito*, 1894, apud MORSE, R. Op.cit. p.81.

¹⁰ CARLYLE, Thomas. *Critical and Miscellaneous Essays*, 5 vols (London, n.d.), IV, 316, apud MORSE, R. Op. cit., p.81.

Deve apresentar-se diante da multidão com toda possível graça e dignidade, expondo-as com toda a insígnia de sua posição social privilegiada, para inspirar mais respeito.
[Porque] não há melhor ou mais segura forma de acalmar uma multidão exaltada do que a presença de alguns homens de aparência imponente e altamente respeitável¹¹..

Dentre os incontáveis líderes e incidentes na história da América do Sul, é memorável o episódio envolvendo o cruel aliado de Bolívar, Melgajero, que com seis homens entrou no palácio onde seu rival, Belzu, estava comemorando um golpe de estado. O intruso, friamente calmo, atirou no presidente, e com sua imperiosa presença encarou e intimidou a multidão que tinha acabado de dar vivas à vitória de Belzu.

Além de fisicamente bem capacitado e disciplinado, prossegue Maquiavel, o líder deve estar habilitado para a guerra. Para tal, deve entender a natureza da terra, a inclinação das montanhas, como os vales se abrem em planícies, onde estão as planícies, e entender a natureza de rios e pântanos¹². A quase autobiografia de José Antonio Paez é exemplar neste sentido. Ele conhecia os vastos lhanos (planícies do interior) venezuelanos como a palma de sua mão, um conhecimento que desconcertava os realistas em 1817 e posteriormente lhe garantiu o respeito enquanto caudilho na nova república. Escrevendo sobre um assalto contra os espanhóis, Paez recorda:

A necessidade nos obriga não somente a lutar com homens mas desafiar obstáculos impostos pela natureza. Considerando tudo isto, nos propomos a tornar nossa vantagem os obstáculos que dão ao inimigo segurança e confiança em sua posição¹³

Esta qualidade telúrica pode ser encontrada em líderes hispano-americanos como Facundo e San Marti, na Argentina, Artigas no Uruguai, Pancho Villa no México e Bolívar na Colômbia. É importante lembrar que Maquiavel não estava preocupado apenas com a problemática da liderança em si, mas com a construção do Estado. Seu ideal era “uma república com leis tão

¹¹ Discursos, I

¹² O *Príncipe*, cap. XIV, *Discursos*, III, XXXIX.

¹³ PAEZ, José Antonio. *Autobiografía*, 2 vols. New York: 1946; re-issue of 1809 edition, I, p. 132 Apud MORSE, R. Op. Cit., p.82

regulamentadas que, sem a necessidade de corrigi-las, pudessem fornecer segurança àqueles que vivem regidos por elas¹⁴. Significativamente, o momento mais difícil de preservar as liberdades republicanas é quando um povo, acostumado a viver sob um príncipe que se compromete com um conjunto de leis para garantir a segurança de toda a população (como parece ter sido o caso da experiência colonial espanhola), por algum acidente recupera sua liberdade. Tal povo,

Ignorante dos negócios públicos, de todas as formas de ofensa ou defesa, não conhecendo o príncipe ou sendo reconhecido por ele (...) em breve se vê carregando um fardo freqüentemente mais pesado do que aquele que acabara de remover¹⁵.

Nestes casos, a criação de um governo *exnihilo* é mais comumente comandada por um único indivíduo dotado de sagacidade e tenacidade. Ainda assim, este governo não dura muito se a administração se mantiver apenas nos ombros de um; é recomendável que ela seja tarefa de muitos, de sorte que muitos o sustentem e dêem suportem¹⁶. Em suma, o líder maquiavélico está atado a “princípios originais” (que envolvem componentes humanos, de costumes e do meio ambiente) genericamente conectados com o nascimento da comunidade nação.

Haveria alguma correspondência entre este líder carismático e os caudilhos latino-americanos? Segundo George Blanksten, sim¹⁷. Já George Wise argumenta que os estratagemas e truques utilizados por pelo menos um caudilho, Guzmán Blanco na Venezuela, revelam uma insegurança e falta de objetivos que impossibilitam encontrar nele as qualidades proféticas e oraculares atribuídas por Max Weber à legitimação sistemática¹⁸. Morse, por sua vez, alega que as considerações específicas de Weber sobre a tipologia dos condottieres o fazem pressentir que o carisma não implica invariavelmente em “unção”. E este ponto é muito importante em seu argumento.

¹⁴ Discursos, I, ii

¹⁵ *Discursos*, I, IX.

¹⁶ Discursos I, IX.

¹⁷ BLANKSTEN, George I., *Constitutions and Caudillos*. Berkeley and Los Angeles: Berkeley University Press, 1951, pp. 35-36.

¹⁸ WISE, George S. *Caudillo, a Portrait of Antonio Guzmán Blanco*. New York, Harper Press, 1951, pp. 161-163.

Como, então, se questiona Morse, alguns caudilhos ou governos conseguiram, em diferentes locais e períodos, uma maior ou menor estabilidade em um continente marcado pelo centrifugalismo moral e social? Ele responde à questão definindo três modos de estabilidade, esboçados em seus propósitos esquemáticos e com o entendimento de que os “tipos puros” não existem. E sugere então uma analogia entre esses três modos e os três tipos de legitimação da dominação elaborados por Max Weber em seu ensaio “Política como vocação”.

O primeiro seria o líder carismático weberiano, que caracteriza-se por um personalismo dinâmico e uma profunda auto identificação com “princípios originais” locais. Não segue o preceito maquiavélico de dividir os encargos do governo entre muitos. O sistema se mantém subordinado ao homem e, a menos que exista um “herdeiro” disponível, o que é infreqüente, o sistema cai juntamente com ele¹⁹. Este líder carismático e personalista flerta, mas não realmente se compromete com o tradicionalismo patriarcal e com uma economia estável. Sua justiça é mais salomônica do que estatutária, sua autoridade é mantida simplesmente pela demonstração de sua força.

O líder carismático pode estar dedicado à modelagem de auto-perpetuação da tradição de um estado-comunidade, como foi o caso da visão bolivariana das repúblicas federadas andinas, da união centro-americana proposta por Morazán, do constitucionalismo mexicano de Juárez ou da quase teocracia do Equador de García Moreno. O que é mais freqüente, contudo, é a exploração do país como se fosse sua propriedade privada. Nas décadas que antecederam a independência tais caudilhos ganhavam o apoio de exércitos, ou criavam suas próprias milícias “plebéias”. Desta forma garantiam seu controle sobre várias classes pela adulação, pelo magnetismo pessoal ou pela ameaça do uso da força. O método normalmente dependia dos “princípios originais” e dos antecedentes do líder, adaptados aos diferentes segmentos da sociedade. São exemplos desta política os governos de Rosas na Argentina, Santa Anna no México, Carrera na Guatemala e Francia no Paraguai.

A exploração de novos recursos naturais e agrícolas em fins do século XIX, juntamente com o forte influxo de investimentos estrangeiros, deu aos caudilhos melhores condições de

¹⁹ MORSE, R. Op. Cit. p. 85

controle. Sem descartar a força ou o personalismo, os recursos financeiros e o protecionismo dos investidores estrangeiros possibilitaram governos nos quais o líder governava por “controle remoto”. Tais caudilhos adotavam o bom tom do discurso burguês e chegaram mesmo a “defender” o constitucionalismo. Veja-se, por exemplo, a atuação de Porfirio Díaz no México, Barrios na Guatemala e Gusmán Blanco na Venezuela.

Esta intensificação da atividade econômica foi talvez a responsável pela emergência do segundo tipo de Estado: uma versão modificada da democracia e do *laissez faire*. Weber denominou esta situação “legitimação através da competência burocrática e do respeito público pelos estatutos legais racionais”. Foi relativamente raro, mesmo em suas formas híbridas. As exceções ficam por conta da Argentina em 1860 e especialmente em 1880²⁰.

A implementação integral do maquiavelismo ocorre quando emerge um líder personalista, como no primeiro caso, mas que é bem sucedido em seu objetivo de criar um sistema maior que ele próprio, mantendo-se fiel aos “princípios originais”. Na Hispano-América, tal sistema só é maior do que o líder na medida em que reconhece o líder como sendo maior que ele mesmo. Este paradoxo tem implicações tomistas, e as mais bem sucedidas constituições hispano-americanas traduziram, em idioma moderno, princípios sob os quais os vice-reis vivenciaram três séculos de relativa estabilidade. Morse denomina tal situação um “neo-tradicionalismo reminiscente” da terceira categoria de Weber: “a autoridade do eterno ontem”.

Um exemplo seria a constituição mexicana de 1917. Conforme bem colocado por Frank Tanneubam, o texto admite a divisão da sociedade em classes, bem como o papel do governante enquanto protetor de determinados grupos contra outros²¹. A constituição é, portanto, não apenas um mero conjunto de regras igualmente aplicáveis a todos os cidadãos, mas um conjunto de regras especialmente destinadas a beneficiar e proteger determinados grupos. A comunidade não é constituída apenas de cidadãos: é também composta de classes com direitos especiais no interior da legislação. Ou seja, a legislação mexicana recriou a velha

²⁰ Idem, p. 86.

²¹ TANNEUBAM, Frank. *Mexico: the Struggle for Peace and Bread*. New York, 1950, PP. 101, 118.

idéia de ‘estados’, amparada na antiga tradição que afirmava terem as regras do rei sobrevivido, em trajes modernos, na figura do presidente. O modelo de uma sociedade dividida em clero, nobreza e povo foi recriado em nova roupagem com camponeses, trabalhadores e capitalistas substituindo o antigo modelo. Embora isto não tenha sido feito formalmente, foi estabelecido de tal forma que é evidente que a desigualdade da estrutura social é antecipada pela lei, mesmo que somente por um reconhecimento implícito, diferente daquele de uma democracia liberal. Tannebaum reconhece que a revolução certamente fortaleceu uma democracia afetiva no México. Também aumentou, legal e economicamente, a dependência do povo e das comunidades em relação ao governo federal. Como nos velhos tempos, a fim de se manter no cargo o presidente tem que não apenas governar, mas reinar²².

Morse conclui que, como um príncipe maquiavélico, os líderes hispano-americanos, ditadores ou democratas, são rápidos na adoção de uma visão mais ampla e sofisticada de aquisição, manutenção e exercício do poder político. Eles sabem também que, independente de qualquer retórica nacionalista com a qual se declarem comprometidos, eles precisam importar mais e mais esquemas e soluções técnicas do exterior. Mas, qualquer que seja a solução política adotada - socialismo, fascismo, etc -, ela assume uma face diferente na América espanhola, onde as condições de vida são muito diferentes daquelas nas quais foram engendradas. Mesmo no sentido estritamente tecnológico, a justaposição do antigo e do novo na América espanhola está muito além da experiência dos demais países capitalistas. De forma que os slogans dos sistemas estrangeiros soam, nos ouvidos hispano-americanos, diferentemente do que poderiam imaginar seus criadores.

De fato, o movimento aprista no Peru, bem como a Revolução Mexicana e seus desdobramentos, atestam que a Hispano-América está começando a gerar seus próprios credos. Algumas vezes, como no caso do justicianismo de Perón, eles são claramente uma retórica cínica. No melhor dos casos designa, como o New Deal nos EUA, um pragmatismo

²² A história chilena exemplifica os três tipos políticos, bem como uma variante no século XX que merece ser considerada.

fracionado, não compromissado com o misticismo ou a moralidade rígida prescrito para o Novo Mundo por Hegel. Mas o fato que a Hispano-América ser, por tradição, acostumada, e por necessidade econômica, forçada, a recorrer ao planejamento, à intervenção e à proteção oficiais do Estado tem ocasionalmente conduzido alguns chefes de governo a uma “visão total”, que é diferente de uma visão totalitária. Desta visão total brota uma agenda social, econômica e cultural que, embora impossível de ser executada, contribui unicamente para a compreensão do homem em comunidade, diferente da encontrada no mundo anglo-saxão.

Encontra-se na Hispano-América um senso de comunidade, embora latente, em grande parte derivado de sua catolicidade (de algo enraizado no sentido cultural) e de sua herança agrária, negra e indígena. Aqui o *ethos* hiper racionalista do mundo industrial parece capaz de fazer progressos apenas limitados e condicionais. Como bem assinalado por Octavio Paz, palpitam na cultura espanhola duas direções, conciliadas mas não fundidas inteiramente pelo Estado espanhol: a tradição medieval, castiça, viva na Espanha até nossos dias, e uma tradição universal, de que a Espanha se apropria e que torna sua, antes da Contra-Reforma. Por obra do catolicismo, a Espanha atinge na esfera da arte uma síntese feliz de ambos os elementos. O mesmo se pode dizer de algumas instituições de direito político, que intervêm decisivamente na constituição da sociedade colonial e no estatuto outorgado aos índios e a suas comunidades. Devido ao caráter universal da religião católica – que era, embora disso se esqueçam com frequência os fiéis e seus adversários, uma religião para todos, principalmente para os deserdados e órfãos -, a sociedade colonial consegue ser transformar-se, por um momento, em ordem (...) “O homem, por mais humilde que seja a sua condição, não está só. Nem a sociedade, também. Mundo e além-mundo, vida e morte, ação e contemplação, são experiências totais e não atos ou conceitos isolados. Cada fragmento participa da totalidade e esta vive em cada uma de suas partes”²³.

No que se refere ao fenômeno do caudilhismo, Octavio Paz faz considerações que, a meu ver, se aproximam das de Morse, embora sem utilizar a expressão maquiavelismo. Segundo ele, alguns “caudilhos revolucionários”, líderes da independência na América Latina,

²³ PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.148.

apropriaram-se dos reinos como se se tratasse de um saque medieval, pois os grupos que encabeçavam o movimento não eram novas forças sociais, mas sim o prolongamento do sistema feudal. Se no interior da América do Sul o fenômeno do caudilhismo é bastante heterogêneo, as diferenças são ainda maiores, se comparado com o fenômeno no México. No México não se encontram as pretensões a universalidades presentes no pensamento de Simón Bolívar, o que, na opinião de Paz, expressa sua clarividência e cegueira²⁴. Os insurretos mexicanos vacilaram entre a independência (Morelos) e formas modernas de autonomia (Hidalgo). Não foi a rebelião da aristocracia local contra a metrópole, mas sim do povo contra a primeira.

Nos países sul-americanos, ele considera a dualidade entre projeto e utopia é mais perceptível do que no México. A personalidade dos dirigentes é mais clara, e sua oposição à tradição mais radical. Aristocratas, intelectuais e viajantes não somente conhecem as novas idéias como também conviviam com homens novos e as novas sociedades. Miranda participa da Revolução Francesa e combate em Valmy. Andrés Bello viveu em Londres. Os anos de aprendizagem de Bolívar transcorreram nessa atmosfera que prepara os heróis e os príncipes: desde criança é educado para libertar e governar.

Já a “Revolução Mexicana” de independência no início do século XIX é menos brilhante, menos rica de idéias e frases universais e mais determinada pelas circunstâncias locais. Os caudilhos são “sacerdotes humildes e obscuros capitães, não tem uma noção tão clara de sua obra. Em compensação, possuem um sentido mais profundo da realidade e escutam melhor o que, a meia voz e cifrado, diz-lhe o povo”.²⁵

Essas diferenças influem na história posterior dos países hispano-americanos: “A independência sul-americana é iniciada por um grande movimento continental: San Martí liberta metade do continente, Bolívar a outra metade. Criam-se grandes Estados, confederações, anfíctonias²⁶. Pensa-se que a emancipação da Espanha não acarretará o desmembramento do mundo hispânico, mas em pouco tempo a realidade faz em pedaços todos

²⁴ PAZ, O. Op. Cit., p 111-112.

²⁵ Idem, 109.

²⁶ Anfíctonias são conselhos semelhantes aos dos gregos antigos.

estes projetos. O processo de desagregação do Império espanhol mostrou-se mais forte que a clarividência de Bolívar.

Em suma, no movimento de independência lutam duas tendências opostas: uma, de origem européia, liberal e utópica, que concebe a América espanhola como um todo unitário, uma assembléia de nações livres; outra, tradicional, que rompe os laços com a metrópole apenas para acelerar o processo de desagregação do império²⁷.

Embora a linguagem e os programas dos caudilhos (pertencentes à aristocracia crioula) da América do Sul lembrassem os dos revolucionários da época, e pudessem talvez ser sinceros ao utilizarem idéias “modernas” que ecoavam a dos revolucionários franceses e da independência dos EUA, não se propunham a alterar a estrutura do país. Daí a conclusão de Paz: enquanto os Estados Unidos são, na história do século XIX, “uma novidade mundial, uma sociedade que cresce e se expande naturalmente”, as sociedades que romperam com a Espanha não se mostraram capazes de criar uma sociedade moderna²⁸.

Segundo Octavio Paz alguns “caudilhos revolucionários”, líderes da independência na América Latina, “mais felizes nisto que os conquistadores, conseguiram “apropriar-se dos reinos” como se se tratasse de um saque medieval, pois os grupos que encabeçavam o movimento não eram novas forças sociais, mas sim o prolongamento do sistema feudal. A imagem do “ditador hispano-americano” já aparecia, em embrião, na do “libertador”. As novas repúblicas foram inventadas por necessidades políticas e militares do momento, não porque expressassem uma verdadeira peculiaridade histórica. Os “traços nacionais” formaram-se mais tarde e, em muitos casos, foram apenas conseqüências da prédica nacionalista dos governos²⁹.

²⁷ PAZ, O. Op. cit., pp. 109-10.

²⁸ Idem, p. 110.

²⁹ Idem, p.111.

Bibliografia:

BLANKSTEN, George I., *Constitutions and Caudillos*. Berkeley and Los Angeles: Berkeley University Press, 1951.

KEYSERLING, Hermann. *South American Meditations on hell and heaven in the soul of man*. New York, London: Haper & Bros, 1932.

MORA, José Maria Luiz. *Ensayos, ideas y retratos*. Mexico City: Fondo de Cultura Económica, 1941.

MORSE, Richard M. "Toward a Theory of Spanish American Government," *Journal of the History of Ideas*, 15 (1954): 74.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TANNEUBAM, Frank. *Mexico: the Struggle for Peace and Bread*. New York, London: Haper & Bros , 1950.

WISE, George S. *Caudillo, a Portrait of Antonio Guzmán Blanco*. New York, Harper Press, 1950.